

Como teve início a ocupação em sua universidade? Seguiu uma dinâmica já em curso em outras cidades ou já vinha sendo debatida internamente?

As ocupações da Universidade Federal de Minas Gerais surgem como forma de protesto a PEC 241/55, a MP 746 e os demais ataques aos direitos sociais em nosso país. O movimento independente foi construído por estudantes em articulação com as outras categorias (técnicos e docentes).

Os discentes da graduação protagonizam essa ação e os pós-graduandos da faculdade de educação da UFMG deliberaram em assembleia compor a ocupação, por compreender que não podemos nem devemos nos furtar desse debate. Há especificidades na pós-graduação, que envolve instituições, como agências de fomento e seus prazos, além do próprio programa e seus critérios de qualidade.

Como as ocupações em universidades dialogam com as que ocorrem em escolas de ensino médio?

Os secundaristas ocupam a escola e mudam seu cotidiano e nos inspiram a fazer o mesmo, um testemunho de coragem e ousadia que nos obriga a escolher a que vezes nos somamos.

Uma vez que os secundaristas tanto quanto os estudantes universitários encampam uma luta contra as políticas de governo que retrocedem direitos historicamente conquistados, como a PEC 241/55 e a MP 746.

A escola e a faculdade de Educação são interdependentes. A gente faz pesquisa em escola. A gente faz estágio supervisionado em escola. Somos uma faculdade de educação. Formamos e nos formamos educadores.

Tem produção de conhecimento na universidade e tem produção de conhecimento nas escolas. Quando ambas são ocupadas, a produção de conhecimentos não para, apenas muda sua agenda, e muda radicalmente na radicalidade da luta.

E quando os ocupantes da universidade são chamados pelos secundaristas para proporem atividades conforme suas demandas, eles contam a experiência universitária. Para isso as ocupações se esforçam diariamente na criação de uma rede entre elas, pois o movimento é nacional. Para isso, nossa ocupação implementou uma comissão de rua que realiza essas trocas com os secundaristas.

Ocupar educa? Quais os saberes e práticas de aprendizagem que circulam numa ocupação?

A educação é um ato político e quem luta educa, tendo em vista que as ocupações contam com uma autogestão. O movimento tem trazido outras formas de pautar as reformas educacionais a partir das nossas vivências.

Com isso as relações de poder são tensionadas, uma vez que a hierarquia rígida institucional é dissolvida e uma nova dinâmica se apresenta, sob o protagonismo dos

coletivos de estudantes. O protagonismo que se manifesta é fruto de um processo de formação política que emerge a cada dia de ocupação devido a conjuntura nacional.

Quantos cursos estão ocupados no momento?

Não são cursos, são diversos prédios universitários, alguns compostos de sala de aula de inúmeros cursos como o caso dos Centros de Atividades Didáticas I e II (CAD1 e CAD2). E faculdades e escolas, como a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), Faculdade de Farmácia (FaFar), Instituto de Ciências Exatas (ICEX), Faculdade de Educação (FaE), Faculdade de Música, Instituto de Geociências (IGC), Faculdade de Belas Artes (EBA), Faculdade de Letras (FALE), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Escola de Ciências da Informação (ECI), Faculdade de Arquitetura, Instituto de Ciências Agrárias (Campus Montes Claros), e ainda o Colégio Técnico (Coltec). Portanto é difícil precisar quais cursos estão com suas atividades suspensas.

Qual o propósito político e social dessa ocupação?

O propósito central é barrar a PEC 241/55 e a Reforma do Ensino Médio em trâmite. Essa resposta é o centro das nossas ações. Cartas e manifestos foram produzidos. Enviamos anexados estes textos.

Vocês se sentem ameaçados de alguma forma? O corpo docente tem fortalecido o movimento de vocês, ou não?

O receio de sanções institucionais e retaliações de grupos contrários é constante. Por isso há o cuidado constante de se preservar a identidade dos estudantes e não individualizar nunca os atos da ocupação. Todas as deliberações e propostas de encaminhamento são tiradas via assembleia, da forma mais horizontal possível, com o objetivo de resguardar e não personalizar as ações em indivíduos. Todos os encaminhamentos são apresentados pelos estudantes. A maior parte dos professores se colocam abertos ao diálogo e solidários à luta, mas é um constante processo de disputa e negociação, para que este apoio se transforme em condições efetivas de luta.

Como a Universidade tem se posicionado?

Não há uma unidade absoluta na instituição, existem coletividades (categorias, instâncias deliberativas diversas) que disputam ideologicamente espaços e recursos. A reitoria divulgou uma nota à comunidade acadêmica, no dia 24/10, onde reitera “o direito de manifestação dos estudantes e a legitimidade do movimento contrário à PEC 241”, mas não concordam com “atitudes que cerceiam as liberdades individuais e restrinjam o acesso aos espaços da Universidade”. Ou seja, existem posicionamentos sendo produzidos diariamente nessas coletividades e desse modo o posicionamento da universidade também é uma construção, não está pronto. Haja vista que nós discentes da ocupação da FaE somos universidade e avaliamos a argumentação de apelo ao direito de ir vir como um deslocamento da atenção, que na realidade serve apenas para gerar tensões, não para garantir o direito de ir vir dos que virão. E esta é nossa luta!